

JOHN KEEGAN

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Tradução de Maria Fernanda Rollo e Ana Paula Dias

Aos homens de Kilmington
que não regressaram da
Grande Guerra 1914-18.

Índice

Agradecimentos 9

1. A tragédia europeia 11
2. Planos de guerra 39
3. A crise de 1914 73
4. A batalha das fronteiras e do Marne 101
5. Vitória e derrota no Leste 183
6. Impasse 229
7. A guerra para além da Frente Ocidental 267
8. Um ano de batalhas 333
9. A rutura dos exércitos 397
10. A América e o conflito final 477

Nota das tradutoras à participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial 545

Bibliografia 563

Índice remissivo 571

Agradecimentos

Cresci entre homens que combateram na Primeira Guerra Mundial e com mulheres que aguardaram ansiosas em casa por notícias deles. O meu pai, os seus dois irmãos e o meu sogro, todos lutaram na Grande Guerra. Os quatro sobreviveram. As memórias, cuidadosamente censuradas, do meu pai e do meu sogro foram a minha primeira introdução à natureza da guerra. A irmã do meu pai, uma das solteiras criadas pelo conflito, contou-me, já perto do fim da sua vida, qualquer coisa acerca da ansiedade sentida pelos que ficavam para trás. A eles, e às centenas de outros veteranos, direta ou indiretamente apanhados nas malhas da tragédia com os quais falei ao longo dos anos, devo a inspiração para este livro.

As recordações pessoais acompanham o que escrevi. A sua substância é o resultado de muitos anos de leituras. Para aceder aos livros que me foram tão úteis gostaria de agradecer aos bibliotecários e aos funcionários das bibliotecas da Royal Military Academy Sandhurst, ao Staff College, à United States Military Academy, West Point, Vassar College e ao *The Daily Telegraph*. Sou particularmente grato ao coronel Robert Doughty, chefe do Departamento de História em West Point, e ao seu diretor-executivo, major Richard Faulkner, que permitiu que eu utilizasse a magnífica biblioteca de West Point enquanto era Professor convidado em Vassar, em 1997. Agradeço também ao bibliotecário e aos funcionários da London Library e a Tony Noyes, presidente da Western Front Association.

Tenho uma dívida importante na produção deste livro para com o meu editor na Hutchinson, Anthony Whittome, o meu editor na Knopf, Ashbel Green, o meu editor de imagens, Anne-Marie Ehrlich, o cartógrafo, Alan Gilliland, editor gráfico do *The Daily Telegraph*, e, como

sempre, para com o meu agente literário, Anthony Sheil. À Lindsey Wood que datilografou o manuscrito, detetou erros invisíveis, decifrou hieróglifos, verificou bibliografias, conciliou inconsistências e resolveu todo o tipo de dificuldades de publicação, provando, como anteriormente, que é uma secretária sem igual.

Entre outros que ajudaram de várias formas, gostaria de agradecer a paciência do editor do *The Daily Telegraph*, Charles Moore, e o auxílio dos meus colegas Robert Fox, Tim Butcher, Tracy Jennings, Lucy Gordon-Clarke e Sharon Martin. Tenho uma dívida de gratidão particular para com o proprietário do *The Daily Telegraph*, Conrad Black.

Entre os amigos em Kilmington que tornam possível a redação de livros incluem-se Honor Medlam, Michael e Nesta Grey, Mick Lloyd e Eric Coombs. O meu amor e agradecimento como sempre para os meus filhos Lucy, Thomas, Matthew e Rose, para o meu genro Brooks Newmark, e para a minha querida mulher, Susanne.

Manor House,
Kilmington,
23 de julho de 1998

1.

A tragédia europeia

A Primeira Guerra Mundial foi um conflito trágico e inútil. Inútil, na medida em que a sequência de acontecimentos que a desencadeou poderia ter sido interrompida, a qualquer momento, no decurso das cinco semanas de crise que precederam os primeiros combates, caso tivesse sido feita prova de prudência e de bom senso. Trágico, porque provocou a morte de 10 milhões de seres humanos, traumatizou um número ainda maior e aniquilou o humanismo próprio da cultura europeia. Quando, quatro anos mais tarde, as armas finalmente se silenciaram, a paz produziu uma raiva política e um ódio racial de tal intensidade que torna impossível explicar as causas da Segunda Guerra Mundial sem evocar a Primeira. A Segunda Guerra Mundial, cinco vezes mais mortífera e infinitamente mais cara do ponto de vista material, foi a consequência direta da Primeira. A 18 de setembro de 1922, o ex-combatente Adolf Hitler lançou à Alemanha derrotada um desafio que ele levou a cabo 17 anos mais tarde: «Não posso crer que dois milhões de alemães tenham sido mortos em vão... Não, nós não perdoamos, nós reclamamos: vingança!»¹

Os testemunhos da sua vingança estão presentes um pouco por todo o continente europeu devastado por Hitler: nas cidades reconstruídas da sua própria pátria, arrasadas pelas campanhas de bombardeamentos estratégicos que ele mesmo provocou, e nas cidades que ele próprio transformou em campos de ruínas – Leninegrado, Estalinegrado, Varsóvia, Roterdão, Londres. As fortificações abandonadas da Muralha do Atlântico, construídas na vã esperança de manter os inimigos à distância, testemunham

¹ A. Bullock, *Hitler*, Londres, 1952, p. 79.

também esse seu desejo de vingança, como é o caso dos aquartelamentos em ruínas de Auschwitz e os vestígios dos campos de extermínio de Sobibor, Belzec e Treblinka. Um sapato de criança abandonado na poeira polaca, um pedaço de arame farpado enferrujado, restos de ossadas humanas pulverizadas junto aos locais onde funcionavam as câmaras de gás, são alguns dos vestígios tanto da Primeira como da Segunda Guerra Mundial.² Ambos antecedem dos fragmentos de arame farpado que cobriam os campos ou que percorriam as trincheiras, e que, com a humidade da manhã, inundavam o ar de França com um cheiro de ferrugem; um correame de soldado coberto de orvalho que um visitante descobre sob uma cerca; um crachá ou um botão com verdete ou carregadores corroídos e estilhaços de granadas. Têm, também, por antecedentes os muitos restos mortais de anónimos que ainda hoje são trazidos à superfície por agricultores que lavram o solo embebido de sangue do Somme – «Paro já. Tenho o maior respeito pelos vossos compatriotas ingleses mortos aqui!» –, tal como o filme insuportável dos corpos amontoados nas fossas comuns de Belsen, em 1945, tem por antecessor a sequência desfocada de soldados franceses empilhando os corpos dos seus camaradas tombados aquando da segunda ofensiva de Champagne, em 1915. A indústria da morte em larga escala, criação da Primeira Guerra Mundial, viu o seu rendimento aumentar impiedosamente durante a Segunda.

Também o número de monumentos comemorativos desta guerra é superior. São muito poucas as cidades francesas ou britânicas que não têm um monumento aos mortos da Segunda Guerra Mundial – até a minha aldeia, no Sudoeste de Inglaterra, tem o seu, com a lista de nomes gravados no pedestal de uma cruz funerária desenhada no centro. Mas trata-se de um acrescento. Na verdade, a cruz foi erguida em memória dos jovens caídos na Primeira Guerra Mundial, que são duas vezes mais numerosos do que os da Segunda. Dos duzentos habitantes que a aldeia tinha em 1914, W. Gray, A. Laphamgo, W. Newton, A. Norris, C. Penn, L. Penn e W. J. White não regressaram da Frente, ou seja, um homem em cada quatro em idade de servir. Podemos encontrar estes nomes de família nos registos paroquiais da aldeia – eles remontam ao século xvi e perduram nos nossos dias. Não é difícil perceber, pelos testemunhos deixados, a intensidade do sofrimento

² M. Gilbert, *The Holocaust*, Londres, 1987, p. 17.

infligido pela Grande Guerra; um sofrimento a que não se assistia desde o estabelecimento dos anglo-saxões na ilha, anterior à conquista normanda, e que, felizmente, não se repetiu. A cruz comemorativa é, juntamente com a igreja, o único monumento público da aldeia. Encontramos obras semelhantes em todas as aldeias dos arredores, nas cidades do condado, onde o número de nomes se multiplica, e na catedral da diocese de Salisbury. Também os encontramos em todas as catedrais de França, cada uma abrigando uma placa onde é possível ler-se: «À glória de Deus e à memória do milhão de soldados do Império Britânico mortos durante a Primeira Guerra Mundial, cujo maior número repousa em França.»

Não será difícil encontrar, não muito longe dali, um monumento recordando igualmente os mortos locais, tal como em todas as cidades e aldeias vizinhas. A França perdeu dois milhões de homens na Grande Guerra, ou seja, dois em cada nove dos que partiram. São frequentemente representados pela estátua de *poilu*, um soldado francês em uniforme azul apontando, numa postura desafiante, a sua baioneta para leste, em direção à fronteira alemã. A lista dos nomes no pedestal é dolorosamente extensa, ainda mais quando a repetição do sobrenome indica numerosos mortos no seio de uma só família. Listas semelhantes são visíveis em cada uma das cidades e aldeias da maior parte das nações que participaram na Grande Guerra. Considero particularmente pungente o classicismo sóbrio do monumento à Divisão de Cavalaria do Vêneto, localizado junto à catedral de Murano, na lagoa de Veneza. Encontram-se aí, coluna após coluna, os nomes dos jovens originários das planícies do Pó que morreram nas encostas escarpadas dos Alpes Julianos. Sou tocado pela mesma emoção nas igrejas de Viena, onde as placas austeras de pedra recordam o sacrifício dos antigos regimentos dos Habsburgos, hoje praticamente esquecidos pela História.³

Os alemães, não podendo chorar decentemente os seus quatro milhões de mortos na Segunda Guerra Mundial (uma vez que a Wehrmacht esteve demasiado comprometida nas atrocidades perpetradas pelo regime nazi), têm dificuldade – não tanto moral mas material – em prestar homenagem aos que tombaram durante a Primeira, uma vez que repousam, na sua maioria, em terra estrangeira. A revolução bolchevique

³ Visitas pessoais.

interditou-lhes o acesso aos campos de batalha do Leste, e aos do Oeste só lhes era concedido, embora a contragosto, para lhes permitir recuperar e inumar os restos mortais dos seus. Os franceses e os belgas apenas concederam muito pouco espaço, quer no coração, quer no seu solo, aos cemitérios militares alemães. Enquanto o estatuto de *sepulture perpétuelle* foi concedido aos lugares onde repousam os mortos britânicos (que nos anos 1920 se estenderam ao longo da linha da Frente Ocidental, numa miríade de cemitérios cuja beleza nos faz reter a respiração), os alemães, para juntar os restos mortais dos seus, tiveram de abrir fossas comuns em locais escondidos. Só na Prússia Oriental, nos sítios onde se deram os acontecimentos da epopeia de Tannenberg, é que puderam erguer um mausoléu imponente e triunfal em memória dos que caíram em combate. Em casa, longe das frentes onde os seus jovens compatriotas foram mortos, o seu desgosto materializa-se em monumentos dentro das igrejas ou das catedrais, inspirados sobretudo pela austeridade da arte gótica e utilizando frequentemente a imagem da *Crucificação* de Grünewald ou do *Cristo no Túmulo* de Holbein.⁴

O corpo do Cristo de Grünewald, como o de Holbein, é o de um homem que sangrou e sofreu, e que morreu só, sem um último conforto dos seus pais ou amigos. Esta imagem representa com exatidão o comum soldado da Grande Guerra, uma vez que mais de metade dos que caíram no Ocidente, e talvez um maior número ainda dos que caíram no Leste, desapareceram, provavelmente, nas vastas extensões dos campos de batalha. Dados como desaparecidos, foram tantos que, a seguir à guerra, sob proposta de um pastor anglicano que serviu como capelão durante o conflito, se considerou que a forma mais apropriada de lhes render homenagem seria exumar um desses desconhecidos e depois inumá-lo novamente num lugar prestigiante. Um corpo foi então escolhido, levado para a abadia de Westminster e colocado à entrada, sob uma placa na qual se pode ler: «Foi enterrado com os reis porque serviu Deus e a sua casa.» No mesmo dia, data do segundo aniversário do armistício de 11 de novembro de 1918, um soldado desconhecido francês foi inumado debaixo do Arco do Triunfo em Paris. Mais tarde, outros soldados desconhecidos foram igualmente «sepultados» em numerosas capitais das

⁴ J. Winter, *Sites of Memory, Sites of Mourning*, Cambridge, 1995, pp. 92-3.

nações vitoriosas.⁵ Mas, em 1924, quando os alemães, vencidos, quiseram erguer um monumento nacional em honra dos seus mortos, o momento solene tornou-se palco de uma sucessão de contestações políticas. O discurso do presidente Ebert – que perdera dois filhos na guerra – foi ouvido até ao fim, mas os dois minutos de silêncio que se deviam seguir foram interrompidos por *slogans* a favor ou contra o conflito. Estalou um motim que durou o dia inteiro.⁶ A agonia da guerra perdida continuou a dividir os alemães até à ascensão de Hitler, nove anos mais tarde. Pouco tempo depois da sua chegada à Chancelaria, os escritores nazis começaram a representar Hitler, o «Cabo Desconhecido», como a encarnação viva do «Soldado Desconhecido» a quem a Alemanha de Weimar, como Estado, não tinha sabido render a sua homenagem. Hitler não tardaria a referir-se a si próprio, nos seus discursos, enquanto Führer da nação alemã, como «Soldado Desconhecido da Guerra Mundial», lançando a semente cuja colheita se saldaria em quatro milhões de alemães mortos.⁷

Os ódios de guerra conquistam-se rapidamente, mas tardam a sarar. No final de 1914, ou seja, quatro meses depois do início da Grande Guerra, 300 mil franceses tinham sido mortos e 600 mil feridos, numa população masculina de 20 milhões dos quais provavelmente só 10 milhões se encontravam em idade de mobilização. No final da guerra, cerca de dois milhões de franceses tinham encontrado a morte – a maioria na infantaria, principal arma de serviço, que perdera 22 por cento dos seus efetivos. Foram as faixas etárias mais jovens que sofreram as perdas mais importantes: as classes de 1912 a 1915 acusaram perdas entre 27 a 30 por cento. Muitos desses jovens ainda estavam solteiros. Em 1918, a França registava cerca de 630 mil viúvas de guerra, a que acrescia um grande número de mulheres jovens condenadas ao celibato. O desequilíbrio entre os sexos na faixa etária dos 25 anos em 1921 era de 45 homens para 55 mulheres. Por outro lado, dos cinco milhões de feridos de guerra, muitas centenas de milhares eram *grands mutilés*, soldados que perderam os membros ou a visão. Os mais afetados eram, porventura, os desfigurados

⁵ G. Ward e E. Gibson, *Courage Remembered*, Londres, 1989, pp. 89-90.

⁶ R. Whalen, *Bitter Wounds: German Victims of the Great War*, Ítaca, Nova Iorque, 1984, p. 33.

⁷ V. Ackermann, «La vision allemande du soldat inconnu», in J.-J. Becker et al., *Guerres et cultures, 1914-18*, Paris, 1994, pp. 390-1.

por ferimentos na cara; em alguns casos foram criados centros de acolhimento fora das cidades para que pudessem descansar entre iguais.

Os sofrimentos suportados pela geração alemã, que conheceu a guerra, eram comparáveis. «As classes etárias de 1892 a 1895, de homens com 19 a 22 anos de idade quando a guerra começou, foram reduzidas na ordem dos 35 a 37 por cento.» No total, em 16 milhões de homens nascidos entre 1870 e 1899, 13 por cento foram mortos, uma média de 465 600 por cada ano de guerra. As perdas mais elevadas, como na maioria dos exércitos, foram sofridas pelos oficiais, dos quais 23 por cento perderam a vida (25 por cento para os oficiais dos quadros) contra 14 por cento para os soldados. Entre os *grands mutilés* alemães que sobreviveram, 44 657 perderam uma perna, 20 877 um braço, 136 os dois braços e 1264 as duas pernas. Contavam-se ainda 2547 cegos de guerra, que representavam apenas uma parte dos gravemente feridos na cabeça, os quais, na sua maioria, morreram. No total, 2 057 000 alemães perderam a vida durante a guerra, ou imediatamente a seguir, na sequência dos ferimentos sofridos.⁸

Mas a Alemanha, embora contasse o maior número de mortos registados (os da Rússia e da Turquia nunca puderam ser assinalados com exatidão), não foi a nação que proporcionalmente sofreu mais. Na Sérvia, numa população de cinco milhões de habitantes antes da guerra, o conflito provocou a morte direta de 125 mil pessoas, civis e militares, a que se somam 650 mil civis sucumbidos às privações ou à doença. No total, a Sérvia foi amputada em 15 por cento da sua população, contra dois a três por cento das populações britânica, francesa e alemã.⁹

Estas proporções, mesmo que mais fracas, deixaram terríveis sequelas físicas que atingiram os homens mais jovens e os mais ativos da sociedade. À medida que aumenta o distanciamento histórico é de bom-tom falar de exagero e denegrir os lamentos sobre a «Geração Perdida». Os demógrafos demonstram que as perdas foram rapidamente compensadas pelo crescimento natural da população e que, segundo alguns historiadores, decididamente insensíveis, só foram sentidas por uma ínfima parte da população. Na pior das hipóteses, afirmam eles, apenas 20 por cento dos que partiram para o combate não voltaram, enquanto os números

⁸ Whalen, p. 41.

⁹ B. Jelavich, *History of the Balkans*, 2, Cambridge, 1985, p. 121.

recolhidos, no conjunto, são inferiores a 10 por cento. Para a maioria, a guerra não foi por isso mais do que um simples episódio da sua vida, uma interrupção no curso da normalidade à qual a sociedade teria rapidamente regressado, uma vez silenciadas as armas.

É um julgamento complacente. É verdade que, comparada com a de 1939-1945, a Grande Guerra causou poucos danos materiais. Nenhuma cidade europeia foi destruída ou severamente atingida como foram todas as grandes cidades alemãs pelos bombardeamentos aéreos da Segunda Guerra Mundial. A Primeira Guerra Mundial permaneceu um conflito rural, tanto na Frente Oriental como na Frente Ocidental. Os campos onde ocorreram os combates foram rapidamente devolvidos à agricultura ou à pastagem, e as cidades destruídas pelos bombardeamentos, excetuando as que rodeavam Verdun, foram reconstruídas de imediato. A guerra não infligiu à herança cultural europeia danos irreparáveis: o mercado medieval de tecidos de Ypres tem hoje a mesma aparência que tinha antes dos bombardeamentos de 1914-1918, tal como a grande praça de Arras e a catedral de Reims. Os tesouros de Lovaina, queimados em 1914 na sequência de um ato isolado de vandalismo, foram substituídos peça por peça assim que a guerra terminou.

Sobretudo, o conflito não infligiu às populações civis envolvidas nenhuma das dilacerações nem das atrocidades ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial. Só na Sérvia e, logo ao início, na Bélgica, é que comunidades tiveram de abandonar as suas casas, as suas terras e as suas vidas pacíficas. Com exceção da Arménia turca, nenhuma população foi vítima de genocídio e, apesar do horrível tratamento infligido pelo governo otomano, as marchas forçadas impostas aos súbditos arménios pertencem mais à história do Império Otomano do que à da guerra propriamente dita. A Primeira Guerra Mundial, ao contrário da Segunda, não assistiu a nenhuma deslocação sistemática das populações, a nenhuma fome organizada, a qualquer expropriação; quase não houve massacres nem atrocidades. Apesar dos esforços das máquinas propagandistas para provar o contrário, e não obstante a crueldade dos campos de batalha, foi, curiosamente, uma guerra civilizada.

Contudo, isso em nada impediu que tivesse causado um dano irreversível à civilização; não só à civilização racional e liberal herdeira da Europa das Luzes, mas, também, de igual modo, à civilização mundial.

A Europa anterior ao conflito, apesar da sua atitude hegemónica relativamente ao resto do mundo, respeitava os princípios constitucionais e a autoridade da lei e do governo representativo. A Europa do pós-guerra perdeu rapidamente confiança nos seus princípios; foram totalmente abandonados na Rússia depois de 1917, em Itália depois de 1922, na Alemanha em 1933, em Espanha após 1936, e só muito desigualmente observados nos novos Estados criados ou aumentados na Europa Central e Meridional. Ainda mal tinham passado quinze anos sobre o fim da guerra e surgia em pleno desenvolvimento um pouco por todo o lado o totalitarismo, um novo termo que designava um sistema que rejeitava simultaneamente o liberalismo e o constitucionalismo – inspiradores da política europeia após o eclipse da monarquia em 1789. O totalitarismo não era mais do que a continuação da guerra por outros meios. Uniformizou e militarizou as massas que o apoiavam, privando os eleitores dos seus direitos de voto, estimulando os seus piores instintos políticos, marginalizando e ameaçando qualquer oposição interna. Menos de vinte anos depois do fim da Grande Guerra, essa «guerra para acabar com as guerras», a Europa encontrava-se apreensiva perante o medo de um novo conflito, provocado desta vez pelas ações e ambições dos mais agressivos senhores da guerra conhecidos pelo Velho Continente durante o século XIX. A Europa rearmava-se massivamente e produzia armas (tanques, bombardeiros, submarinos) que a Primeira Guerra Mundial só tinha conhecido em estado embrionário, mas que ameaçavam tornar a Segunda numa catástrofe bem maior.

Mal começou, em 1939, a Segunda Guerra Mundial surgiu incontesteavelmente como a consequência da Primeira e, em parte, o seu prolongamento. As circunstâncias (o descontentamento dos povos germânicos face à situação em que se encontravam) eram idênticas, tal como as suas causas imediatas (um conflito entre um dirigente germânico e um vizinho eslavo). Embora ocupando posições diferentes, os homens também eram os mesmos: Gamelin, comandante-chefe francês em 1939, era oficial do Estado-Maior de Foch, comandante-chefe supremo dos exércitos aliados em 1918; Churchill, primeiro-lorde do Almirantado em 1939, tinha-o sido em 1919; Hitler, «primeiro soldado do Terceiro Reich», fora um dos primeiros voluntários a seguir os passos do Kaiser Wilhelm em 1914. Os campos de batalha iriam ser os mesmos: o rio Meuse, que as

divisões blindadas alemãs atravessaram com uma facilidade desconcertante em maio de 1940, mostrara-se intransponível em Verdun entre 1914 e 1918; Arras, teatro de uma das batalhas mais amargas travadas perto da Frente Ocidental pela Força Expedicionária Britânica, sofreu o único contra-ataque vitorioso do exército britânico em 1940; quanto ao rio Bzura, estreito curso de água que corre a oeste de Varsóvia, constituiu um ponto estratégico na condução das operações na Frente Leste, tanto em 1939 como em 1915. Muitos dos que partiram para o combate em 1939 eram os mesmos que, mais jovens e com menos experiência, tinham partido em 1914, persuadidos de que regressariam vitoriosos antes que «as folhas comessem a cair». Os sobreviventes podiam, todavia, revelar uma diferença: em 1939, a guerra era temida, a sua ameaça real, e sabia-se o que significava. Em 1914, pelo contrário, ela surgira num céu limpo, atingindo as populações que a desconheciam e que tinham sido criadas com a ideia de que a guerra jamais perturbaria a Europa.

Direita: Marechal Paul von Hindenburg

Em baixo: General Alfred Schlieffen, autor do Plano Schlieffen

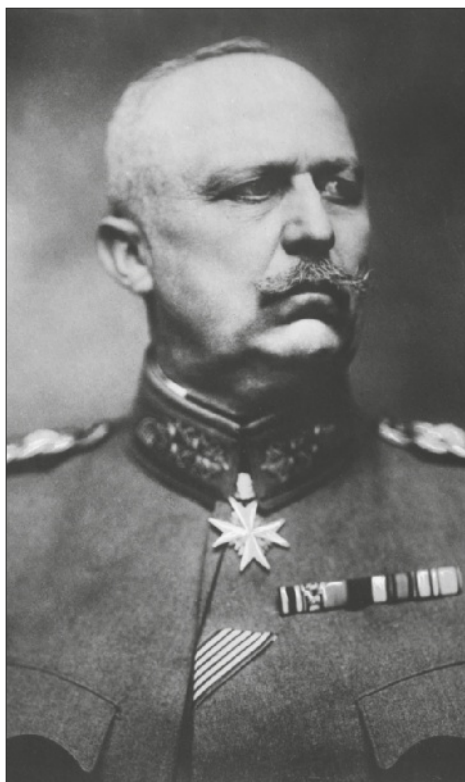
Em baixo à direita: Erich Ludendorff



© Rue des Archives / Fotobanco



© Alamy / Fotobanco



© Alamy / Fotobanco



© Corbis / VMI



© AKG / Fotobanco

No topo: O Kaiser Wilhelm II condecorando soldados com a Cruz de Ferro em Varsóvia, Polónia, pouco depois da tomada da cidade pelo Exército Austro-Alemão.

Em cima: Conrad von Hötzendorf

Ao lado: Joffre e Haig no quartel-general, Chantilly, 23 de dezembro de 1915



© Alamy / Fotobanco



© Alamy / Fotobanco



© Rue des Archives / Fotobanco

Ao lado: Mustafá Kernal Atatuerk

Em cima: General Alexei Brusilov

*Em baixo: Partida do batalhão alemão,
de Berlim para a frente de guerra.
Agosto de 1914*



© Alamy / Fotobanco